

INSTITUTO  
 Documentação  
 SOCIOAMBIENT  
 Fonte: A Gazeta (MT)  
 Data: 27/11/1998 Pg.  
 Class.: 21

LUX JORNAL

A GAZETA  
 CUIABÁ - MT

PUBLICADO EM:  
 27 NOV 1998

4468

ÍNDIOS

# Funai tenta salvar guatós

São apenas quatro em Mato Grosso. Dois deles, que vivem isolados no Pantanal, estão em Cuiabá para tratamento médico

Keka Werneck  
 Da Redação



Os dois guatós estão bastante doentes. Mal falam o português, não sabem a idade e nunca viram médico

## Nunca ouviram falar em Deus

Da Redação

Sem luz, água encanada, televisão e outros luxos fáceis da cidade. Assim sobrevivem os quatro índios guatós, últimos da etnia. Mas gostam. Não querem ficar em Cuiabá, onde estão fazendo exames de saúde.

Os guatós têm a fisionomia de um homem pantaneiro. Porte médio. Cabelos mais escuros e pele morena. São bonitos. Têm pelos, uma raridade entre os índios. A família para eles é o ponto de referência.

Quando perderam os pais, os irmãos Júlia, José e Veridiano resolveram viver isoladamente. Descartaram a vida tribal, porque, segundo contam, perderam a identidade no grupo: seus antepassados.

A irmã mais velha, Júlia, tem três filhos, sendo que um, o Vicente, ainda vive com ela e dois estão sumidos, porque saíram, há mais de 30 anos, para viver na cidade, que seria Corumbá. José e Veridiano não se casaram e também não tiveram filhos. Os cães que utilizam como guarda são tratados como membros da família.

São habilidosos no preparo de instrumentos, principalmente azagaia, que usam na pesca. Não ligam para festa, nem rituais comuns na aldeia. Sentem saudade do passado, quando andavam nus. Nunca ouviram falar no presidente da República ou em Deus. (KW)

Dois índios guatós idosos estavam passando fome e sofrendo com doenças, vivendo isolados, em uma ilha do rio São Lourenço, na reserva Morro do Caracara, que fica entre Poconé e Cáceres. A Fundação Nacional do Índio (Funai) trouxe os dois para Cuiabá onde eles viram pela primeira vez um médico.

Os guatós Veridiano e José Caetano, ambos idosos, não sabem ao certo a idade. Vão fazer uma série de exames, na Unidade de Saúde do Índio (USI). "O Sistema Único de Saúde (SUS) vai bancar a assistência, mas se for identificada alguma coisa séria, vamos pagar consulta particular", explica a técnica em enfermagem, Elis Corrêa.

Há suspeitas de que Veridiano esteja com mal de Parkinson e José, com a visão comprometida. Por isso, serão submetidos à avaliação de especialistas nas áreas de neurologia e oftalmologia. Ameaçados de extinção, os irmãos fazem parte de uma família de milhares reduzida a quatro pessoas. A irmã Júlia, com mais de 80 anos, e o sobrinho Vicente, com mais de 50 anos, ficaram na aldeia. Mas também serão trazidos para Cuiabá para tratamento. Esses são quatro últimos guatós de Mato Grosso.

O chefe de Divisão de Assistência da Funai, Djalma Porto, acredita que existam muitos outros índios nesta mesma situação: perdidos, vivendo isolados, em reservas. "Alguns bororós, outros chiquitanos", arrisca. Uma equipe da Funai já está viajando pelas áreas indígenas na reserva do Pantanal. Pretendem percorrer o Estado, dando assistência àqueles que optaram por viver fora do convívio tribal.

Quando adoecem, os irmãos guatós recorrem aos ensinamentos dos antepassados. "Remédio a gente pega na folharia (vegetação)", explica Veridiano, usando português deficiente. Quase não dá para entender o que ele fala. "Dói a cabeça, dói a barriga", repete. Uma vez, há algum tempo, José passou muito mal. Quase morreu. Veridiano conta que encontrou a cura no meio do mato. "Ele teve dor de barriga muito grande".

Trazer os dois índios para Cuiabá foi tarefa difícil. Eles não queriam sair da área onde estavam, conta Porto, da Funai. Vieram de avião, mas garantem que não sentiram medo. Eles já foram atendidos por um médico clínico geral. O tratamento continua semana que vem. Não há previsão de quando eles vão voltar para casa. Mas Porto garante que eles vão retornar o mais rápido possível ou podem adoecer de tristeza.

## Morte dos pais provocou a saída da aldeia e isolamento

Da Redação

Muitas etnias indígenas já desapareceram, como os Paiaguás. Os guatós estão ameaçados de ter o mesmo fim. Os irmãos José, Veridiano, Júlia e seu filho Vicente, que vivem isolados no Morro do Caracara (entre Poconé e Cáceres), são os últimos.

Há cerca de um mês e meio, foram encontrados vivendo no isolamento, em uma tapera (casa arruinada), como conta o chefe da divisão de Assistência da Fundação Nacional do Índio (Funai), Djalma Porto. Estavam passando fome e sofrendo com doenças. "Eles ficaram velhos e quem já foi por muito tempo caçador pode virar caça", suspeita Porto.

Os irmãos Caetano saíram da aldeia quando os pais faleceram. Contam que, faz muito tempo, o pai

morreu de dor no estômago e, pouco tempo depois, a mãe também. "Ficou tudo triste e fomos embora", explica Veridiano.

Longe da aldeia, Veridiano e José não se casaram. Solteiros, não fizeram os seus herdeiros. Quando foram embora, Júlia já tinha três filhos, sendo que dois partiram para a cidade há cerca de 30 anos. Não se sabe se chegaram lá.

Mesmo tendo perdido força de trabalho e sem condições de buscar o sustento, através da caça e pesca, não queriam sair de casa de jeito nenhum. Os guatós adotam muitos cães do mato que fazem a guarda deles, contra onças e outros animais selvagens. Alegaram que não podiam viajar para a capital e deixar os animais sem ter o que comer. Por isso, a índia Júlia e seu filho Vicente ficaram. (KW)

## "Pegava onça no tapa, na unha", conta Veridiano

Da Redação

É provável que os dois índios guatós, Veridiano e José Caetano, ambos idosos, tenham sido grandes caçadores, quando tinham condições físicas. A região que escolheram para viver é antro de animais selvagens.

"Pegava onça no tapa, na unha", brinca Veridiano: "Eu e meu irmão somos *brabos*", ameaça. Mas, logo em seguida, desmente. "Não somos não. A gente só mata o que come, jacaré, capivara, piranha. A gente não mata pessoa", explica.

Hoje, já que perderam a vitalidade, contam apenas com uma espingarda velha, calibre 22, enferrujada, com apenas 4 balas, que só usam em caso de extrema necessidade, para afugentar feras. Usam rotineiramente azagaias (lanças curtas de arremesso), mais usadas para pesca.

A índia Júlia, irmã mais velha, que já passa dos 80 anos e está completamente cega, ainda pesca com destreza, como conta o chefe da divisão de Assistência da Fundação Nacional do Índio (Funai), Djalma Porto.

Veridiano, mais jovem dos três, também pesca, embora tenha certa dificuldade. Persegue o peixe, dentro do rio, em uma canoa, bem devagar. Quando vai chegando perto, ele foge. Demora até o dia todo para conseguir espetar pelo menos quatro pacus com azagaia.

Mas, para eles, o tempo não existe. Só comem quando sentem fome. Dormem quando sentem sono. Não compram nada. Usam roupas velhas, doadas principalmente quando vão até as fazendas mais próximas de onde eles moram. São parte da natureza. (KW)

## Alimentação na natureza tem poucos ingredientes

Da Redação

Os quatro e últimos Índios guatós, que vivem isolados na reserva Morro do Caracara, entre Poconé e Cáceres, têm alimentação precária. A observação é do chefe da divisão de Assistência da Fundação Nacional do Índio (Funai), Djalma Porto.

Comem basicamente peixe, jacaré, piranha, capivara e mandioca. Comem também algumas frutas da época: manga, bocaiúva e banana. Nada mais. É o banquete farto em quantidade, mas fraco em nutrientes.

E não enjoa? Veridiano, um deles, garante que não. Uma vez comeu arroz, prato tipicamente do homem branco, em uma das fazendas que fica mais próxima da região onde eles vivem. Sua

impressão: "É bom, mas gosto mesmo é de peixe".

Antigamente, eles plantavam. O que melhorava o cardápio. Mas, hoje, sem forças físicas para trabalhar no roçado, ficam à mercê da sorte. Comem fruta de época e animais menos ariscos.

Os irmãos Veridiano e José Caetano estavam passando fome, quando a Funai os trouxe para a Capital, porque, com a idade avançada, têm sentido dificuldades em exercer as atividades das quais são peritos: caça e pesca.

Para que o estado de saúde de ambos seja averiguado, Veridiano e José vão fazer vários exames. Urina e fezes, hemograma (de sangue), pesquisa de BAAR (para identificar tuberculose) e outros, como explica a enfermeira da Funai Elis Corrêa. (KW)